UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Caio Itália Costa

JOIAS DE CRIOULA: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE BRINCOS, COLARES, ANÉIS E PULSEIRAS BALANGANDÃS NO BRASIL-COLÔNIA.

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Ana Paula Pereira Costa.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **CAIO ITÁLIA COSTA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473158A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **JOIAS DE CRIOULA: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE BRINCOS, COLARES, ANÉIS E PULSEIRAS BALANGANDÃS NO BRASIL-COLÔNIA.** , desenvolvido durante o período de 21/05/2018 a 26/11/2018 sob a orientação de ANA PAULA PEREIRA COSTA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção cientifica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

_____

CAIO ITÁLIA COSTA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho ao meu querido pai Ivam Costa (In Memoriam), que me acompanhou na universidade desde o primeiro dia, mas não pode vivenciar esse momento. Batalhou para realização desse sonho ao meu lado até a sua partida com todo amor. Gratidão, por tudo que me ensinou ao longo de minha vida, que me deixou a pouco tempo, mas fez tanto por mim. Continua sendo minha maior força e inspiração na vida. Estará sempre em meu coração.

JOIAS DE CRIOULA[1]: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE BRINCOS, COLARES, ANÉIS E PULSEIRAS BALANGANDÃS[2] NO BRASIL-COLÔNIA.

Caio Itália Costa [3]

RESUMO

O objetivo deste trabalho é a investigação, por meio de fontes secundárias e iconográficas, do uso e da posse de joias pelas mulheres negras escravas do período colonial, e o mapeamento do uso desses opulentos adornos, ressaltando sua importância como um fator de resistência e, ao mesmo tempo, como peça híbrida de diferenciação que se fez presente nas culturas afro-brasileira e europeia dos séculos XVII e XIX. Desde a sua descoberta, o ouro é explorado pelo homem de forma a acompanhar a evolução humana, contando sua história através de emblemáticas joias como as Joias de Crioula. As características das joias, assim como a das artes se transformaram, por isso, a fim de compreender o advento dessas joias autenticas, propomos a análise de suas características, recorrendo a imagens retiradas de bibliografia especializada e fotografias tiradas no acervo de joias do Museu do Louvre, na França.
PALAVRAS-CHAVE: Joias. Ouro. Período Colonial.

ABSTRACT

This paper aims to investigate through secondary and iconographic sources the use and possession of jewels by black female slaves in the colonial period, and to map out the utilisation of such opulent ornaments, highlighting their importance as a form of resistance and at the same time as hybrid pieces of differentiation present in the African-American and European cultures from the 17th and 19th centuries. Since its discovery, man has been mining gold throughout the evolution of the human race, telling stories by emblematic jewels such as Creole Jewellery. The characteristics of jewels, just as the peculiarities of the arts, have transformed. Thereby, with the purpose of comprehending the advent of these authentic jewels, we propose an analysis on their features, using images taken from specialised bibliography and photographs of the collection of jewellery of the Louvre Museum in France.

KEYWORDS: Jewellery. Gold. Colonial Period.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo estabelece uma abordagem histórica através de importantes representações sobre o uso das joias no período colonial, do século XVIII até o século XIX. Nesse sentido, as joias serão tratadas aqui a partir de dois vieses: como produtos sociais usados para o adorno pessoal e como objeto de investimento econômico, característica esta que adquiriu maior peso com o passar dos anos. Nossa reflexão terá como objetivo analisar a posse e o uso das joias a partir desses dois aspectos, destacando o seu uso não só pelas camadas mais privilegiadas da população, mas também por africanos e seus descendentes. Principalmente no passado colonial brasileiro, a posse de joias, sobretudo pelas mulheres, foi algo acessível. Nessa perspectiva, nos deteremos sobre a região da Bahia com as chamadas joias de crioula confeccionadas no século XVIII. No século XIX, maior destaque será dado à região do Rio de Janeiro, cuja importância econômica e política desponta após a chegada da família real em 1808.

Os homens sempre tiveram a cultura de se enfeitarem e se adornarem, seja com ossos, sementes ou pedras e com o passar dos séculos e o desenvolvimento das fundições esses objetos passaram a ser confeccionados e denominados joias devido ao grau de preciosidade que eles apresentavam.

---

[1] Joias de crioula são os ornamentos de joias com características próprias e emblemáticas usados pelas mulheres africanas e crioulas, escravizadas ou libertas, nos séculos XVIII e XIX no período colonial.

[2] Balangandã, Balangandam, barangandam ou mesmo berenguendém são diversos pingentes usados em um tipo de argola decorada. Termos surgidos através de uma onomatopeia devido ao som que esses berloques produziam quando usados juntos. Acreditava-se que esse potencial sonoro era capaz de espantar as influências do mal.

[3] Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: caio-cst@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Pereira Costa.

2. DESCOBERTA DO OURO

A descoberta de metais preciosos no Brasil se deu a partir do século XVIII na Capitania Minas Gerais, segundo Carla Maria Carvalho de Almeida e Mônica Ribeiro de Oliveira (2014), a descoberta do ouro não foi por acaso, visto que se constituiu em um esforço das elites coloniais, coadunadas com os interesses e os estímulos da Coroa portuguesa, que, desde meados dos seiscentos, embrenhavam-se pelo sertão da América portuguesa em busca dos metais preciosos.

Na segunda metade do século XVII, cartas sigilosas chegavam a Lisboa apontando a existência de esmeraldas, prata e ouro na América portuguesa. No cenário socioeconômico vivido por Portugal, devido à queda dos produtos coloniais como o açúcar, a coroa decidiu então oferecer incentivos oficiais para a busca dos metais preciosos. Um importante sertanista na conquista do sertão baiano e na captura de índios em busca dessas riquezas foi Fernão Dias Paes Leme.

Os setecentos foram, de fato, os anos de ouro dos ibéricos sob o controle português, pois, nesse contexto, surgia o ouro como um metal de grande valor econômico, capaz de manter a economia segura e a balança comercial favorável aos portugueses. Nesse período, o ouro, bem como os diamantes e as joias em pequenas quantidades, eram fortemente exportados, porém o ouro tinha como principal valor agregado, benefícios econômicos e não estéticos ou mesmo prestigioso para quem o tivesse em pequenas quantidades ou em joias.

Com a esperança de riqueza trazida pelas jazidas auríferas na região das Minas Gerais, a migração para a capitania ocorreu de forma intensa, tanto de homens livres quanto de escravos, estes últimos utilizados como mão-de- obra na atividade de extração. A coroa oferecia aos descobridores expressivos incentivos. Já para os escravos, as descobertas de pepitas de ouro e pedras de diamantes grandes, precisamente os maiores de 20 quilates, podiam significar chances de se tornarem forros.

Com a intensa migração para a capitania mineira, houve diminuição do trabalho rural e, com isso, o crescimento dos centros urbanos, gerando a elevação dos preços dos produtos que chegavam às Minas Gerais.

Na Europa, os impactos da descoberta de metais preciosos se fizeram sentir em várias frentes. Por exemplo, a Igreja Católica se beneficiou desses recursos para ornar suas igrejas de forma opulenta e luxuosa com grandes quantidades de ouro em seus adornos no estilo barroco, contrastando com a moderação da estética protestante. Logo, pode-se destacar que a descoberta do ouro, nas Minas Gerais no século XVIII, contribuiu para que tanto a colônia quanto a metrópole tornassem o estilo de vida mais luxuoso e requintado, caracterizado pela ostentação exagerada do segundo período do Barroco.

Figura 1: Igreja da Ordem Terceira na Bahia - Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Cachoeira na Bahia retratando o excesso do barroco em seu interior através da abundância do ouro encontrado nas minas da época

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p. 24.

A reboque dessas transformações, a coroa portuguesa, preocupada com os extravios e a sonegação do tão sonhado ouro, intensifica também a fiscalização. Dentre todas as medidas tomadas para incrementar a vigilância, é importante sublinhar, para os objetivos desse trabalho, o fato de mulatos, negros e índios não serem autorizados a exercer a função de ourives. A profissão era amplamente controlada para que o quinto fosse para os cofres metropolitanos sem qualquer desvio, ou seja, nenhuma joia podia ser comercializada sem as marcas oficiais e a identificação de suas respectivas origens. Com a intenção de limitar e fiscalizar o ouro colonial, a coroa portuguesa, no final do século XVIII, inspecionava duramente toda a circulação do metal dentro da colônia, chegando a ponto de extinguir a profissão no período pombalino.

Nessa época, não existia o termo design de joias ou mesmo grandes e pequenas joalherias. A profissão de ourives não tinha valor ou mesmo prestigio, podendo ser comparada a qualquer outra profissão exercida por um escravo de ganho, por exemplo, pois nessas profissões o mais importante sempre é o cliente e não o trabalho do artesão.

Vale ressaltar que, nesse contexto, o ouro e as pedras preciosas extraídas não eram, em sua totalidade, enviados para Portugal mediante a taxação. Parte desses metais ficavam na colônia e eram utilizados para o fortalecimento da amoedação colonial e para a criação de objetos de luxo, principalmente os sacros, além das ostentosas joias. Todavia, apesar da vigilância em torno dos ourives, muitos conseguiam burlá-la e continuavam a fabricar os cobiçados adornos. Esses profissionais trabalhavam na calada da noite e transportavam muitas de suas obras nos santos de pau oco, procurando sonegar os quintos reais.

Apesar da desvalorização dos ourives na época colonial, devido a um território rico em ouro e pedras preciosas e uma população extasiada pelo luxo, esses profissionais eram anônimos artistas, ao contrário de alguns arquitetos e pintores que tinham seus nomes divulgados e cuja fama se propaga até os dias atuais. Muitos artesãos movimentaram uma suntuosa riqueza e a maior demonstração de sua arte são as belíssimas joias existentes até hoje.

Segundo Ana Beatriz Simon Factum (2009), apesar da inexistência de fontes documentais, existem fatores que apontam que a produção dessas joias de maioria baiana se dava por afrodescendentes como negros, mestiços, forros e escravos, pois tinham total conhecimento das simbologias e os signos das joias. Ao contrário do que se argumentava, essas criações são afro-brasileiras, não sendo os africanos e seus descendentes meros figurantes na história do design de joias, fornecendo apenas mão-de-obra. Na verdade, alguns estudos verificaram a herança cultural afro-brasileira no ramo joalheiro e, através dessas releituras, fica claro tal viés nas criações joalheiras que se perpetuam até hoje.

A elite colonial tentava adquirir joias feitas pelos ourives locais. Com o tempo, o gosto pela ostentação se espalhou por todas as camadas sociais, notadamente entre as senhoras ricas e tornaram-se notórias na decoração de residências e igrejas das colônias. Mas, havia obstáculos ao acesso às joias devido à fiscalização, pois os ourives, em número reduzido, quando não eram clandestinos, tinham que ser registrados pela casa de fundição, ou casa da moeda e vinculados às ordens religiosas. No entanto, isso não era empecilho para as mulheres e suas escravas andarem adornadas dos pés à cabeça. Muitas dessas joias chegavam a valer até mais que os próprios escravos que as usavam a fim de demostrar a riqueza e prosperidade de seus donos.

Nas palavras de José Antonil "(...) A maior parte do ouro que se tira das minas se gasta em cordões, arrecadas e outros brincos, dos quais se veem hoje carregadas as mulatas de mau viver e negras, muito mais que as senhoras" (ANTONIL, 1982, apud santos 2003). Apesar da resistência para que os negros não se adornassem com joias, não era difícil sabotar tal regra desde que o sabotador estivesse portando uma relevante quantia de ouro. Logo, as joias eram usadas como ferramenta de burlar a imobilidade social da colônia.

As joias, além de enfeitar, tinham fetichistas funções como as espirituais nas quais acreditava-se que o uso de algumas peças aproximavam seus donos das divindades espirituais, tornando-se também objetos místicos.

> [...] Desde os primórdios, acreditava-se que usar adornos de dentes de animais caçados conferia ao usuário características desejáveis destes animais (força, esperteza, agilidade, astucia, etc.). Também pedras (esmeraldas, rubis, safiras, diamantes, coral e outras) metais e uma série de materiais coletados na natureza [...] (FACTUM, 2009, p.127).

Objetos esses que, ao longo do tempo, se tornaram sagrados devido às influências culturais e à mistura de elementos étnicos diferentes que se tornaram parte de um conjunto. Segundo Irina Santos (2004, apud, FACTUM, 2009), as joias:

> […] ora significavam fé e devoção; ora status social, econômico e cultural; ora amuleto; ora veículo de cura; ora apenas um objeto de decoração. Eram símbolo de individualidade e coletividade, de valores morais e estéticos, da alma humana, das suas tradições, heranças e antepassados, rituais, crenças, prosperidade, compromisso, comportamento, desenvolvimento tecnológico, além de ser um objeto de adoração, contemplação e desejo [...] (SANTOS, 2004. Apud: FACTUM, 2009, p.128).

3. JOIAS DE CRIOULA

Com bases na arte barroca, no sincretismo e na abundância do ouro, surgiram as joias de crioula. Suas características não eram exclusivamente da cultura africana, como muito difundido. Eram, na verdade, fruto de uma série de outras culturas, inclusive a europeia. Um exemplo disso são os colares de contas utilizados no Brasil e em Portugal conforme a figura abaixo:

Figura 2: Correntão de contas. Joia em ouro no formato de esferas ligadas entre si por um fio de ouro, prata ou outro metal não nobre

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.115.

As *joias de crioula* existiam, notadamente, na Bahia colonial e se desenvolveram inspiradas pela cultura barroca luso-afro-brasileira, representada pelos africanos, afro-brasileiros e também pelos herdeiros da cultura portuguesa. Segundo Antonio Risério (1997, apud FACTUM, 2009), "O que os portugueses trouxeram para cá não foi apenas uma linguagem estética e intelectual, foi toda uma mentalidade".

Portanto, as roupas das negras baianas do século XVIII tinham inúmeras inspirações no trajo português e mantiveram ainda o turbante, o pano da costa e o gosto pelas joias da cultura africana, tirando da cultura portuguesa só o que lhes interessavam.

O estudo dessas joias de crioulas, criadas precisamente na Bahia, sem dúvida, evidencia uma série de informações sobre a complexidade social do Antigo Regime e tais peças não podem ser estudadas sem seu caráter fetichista, mercadológico e mesmo sexual.

Contudo, assim como outras práticas existentes na sociedade de Antigo Regime, baseadas no prestigio e no status, o uso das joias não tinha o peso comercial e capitalista de hoje, porém serviam para separar os lugares sociais e hierárquicos, uma verdadeira simbologia de poder do período. Portanto, eram de fato um dos principais símbolos de diferenciação humana na época em questão.

No caso das escravas, buscava-se uma forma de exibir as mulatas diante de outros donos que não tinham recursos para esses mesmos adornos. Entretanto, apesar de estarem com joias de brancos ricos, os negros ficavam descalços para lembrá-los de sua condição serviçal. Os sapatos, além de serem tidos, na época, como objetos de grande prestígio, simbolizavam principalmente a liberdade.

Um grupo de escravas que merecem destaque no uso das joias eram as escravas de ganho, pois não dependiam de seus donos para lhe presentearem com joias já que as compravam com o lucro obtido do seu trabalho. O uso dos adornos, além de demonstrar plenitude e prosperidade, era um sinal de qualidade dos produtos ora vendidos. Uma forma de olhar a qualidade dos produtos era através do patrimônio das vendedoras, materializado em suas joias, principalmente os balangandãs, utilizados como proteção mítica do trabalho e dos ganhos.

O uso das joias, segundo os olhares de historiadores, antropólogos e sociólogos, surgiu da necessidade humana de diferenciação e de se destacar como indivíduos distintos socialmente. Na sociedade colonial, a moda era um distintivo de classes como mostra o livro Joias de crioula de Laura Cunha e Thomaz Milz e, portanto, foram criadas regras para impedir os negros, mesmo que libertos, de usarem alguns tecidos nobres e joias e assim tornar o luxo exclusivo apenas dos brancos. Conforme Laura Cunha e Thomas Milz "[…] era uma tentativa de limitar o luxo apenas aos brancos, segregando visualmente uma sociedade na qual os signos de poder ficariam restritos à classe dominante. Essas leis, no entanto, não chegaram a ser respeitadas, e os senhores de escravos viam em "seus negros da casa" mais um meio de ostentação de sua riqueza". (CUNHA; MILZ, 2011, p.41).

Havia uma clara diferença visual entre as joias dos brancos e as joias de crioula. Um exemplo dessa diferenciação são as joias do acervo do museu do Louvre de padrão europeu usadas no passado por mulheres brancas e nobres, em comparação com as joias de crioula usadas no passado por mulheres negras, escravas, forras e crioulas. Na primeira figura observa-se as joias de crioulas, as joias da imperatriz Maria Luísa na segunda e ainda na terceira as joias que pertenceram à rainha Maria Amélia.

Figura 3: Misto de joias de crioulas em ouro, pedras e corais

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.115.

Figura 4: Conjunto em diamantes e esmeraldas pertencentes a imperatriz Maria Luísa

Fonte: foto tirada no acervo de joias do Museu do Louvre (arquivo pessoal)

Figura 5: conjunto em diamantes e safiras pertencentes à Rainha Maria Amélia

FONTE: foto tirada no acervo de joias do Museu do Louvre (arquivo pessoal)

Na sociedade em questão, a cor da pele, muito mais que as posses, era o que determinava a condição social do indivíduo e, por isso, as negras criaram um estilo próprio firmado no abuso do ouro. Diferente das brancas que, em geral, preferiam peças ricas em diamantes, pérolas e outras gemas que eram importadas da Europa, as negras tinham suas joias feitas nas oficinas coloniais.

> "As mulheres de todas as classes sociais, mesmo as negras, adornavam-se com correntes de ouro, de uma a três jardas de comprimento, enroladas em três ou quatro voltas enrolado ao pescoço, tendo preso um crucifixo, santo ou bentinho de ouro. O lavor de tais cadeias e o peso dos enfeites é que marcavam a diferença de suas portadoras" (LEITÃO, 1937. Apud: CUNHA; MILZ, 2011, p. 67).

As características que singularizavam as chamadas joias de crioulas eram o exagero nos tamanhos e em seus volumes. As joias podiam ser em ouro baixo que significava maior quantidade de liga metálica na fundição do ouro, ou mesmo joias ocas, pois o que importava era a quantidade e o volume no tamanho das joias que chegavam a cobrir os braços e pescoços das crioulas. Elas gostavam dos brincos, colares, anéis, das pulseiras de balangandãs e rosários devocionais.

Os balangandãs eram únicos, pois representavam a história das crioulas que os usavam, através da representação dos fatos de suas vidas, por meio de símbolos místicos, lúdicos, animalescos, frutíferos e devocionais. Cada um com significados diferentes um do outro.

Figura 6: pencas de balangandãs. Rara penca de balangandãs confeccionada em ouro. Sua maior parte era confeccionada em prata e no ouro era algo não muito comum

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.129

> "Nem todas as peças que compõem a penca são de origem africana ou afro-brasileira, pois alguns objetos como os santos e símbolos do catolicismo foram absorvidos e relidos, o que gerou um forte sincretismo aliado aos signos referentes à África, seu imaginário, orixás e superstições, adquirindo novos valores simbólicos. Dentre os símbolos da composição desses balangandãs pode-se destacar: A pomba ou os santos mártires ou todos os santos, como o galo, também representando a vigilância, a pomba do Espírito Santo, de asas abertas e a cruz feita com a cabeça e a cauda. São Jorge ou Oxocê, santo guerreiro e caçador, é representado pela lua, pela espada, pelo cão, pelo veado. São Jerônimo ou Xangô se representa pelo burro, pelo carneiro, pelo caju, o abacaxi e o milho. Santo Antonio, ou Ogum, pela faca, pelo porco. São Lázaro ou Omolu é representado pelo cão ou a fidelidade, e, às vezes, também pelo porco. São Cosme e São Damião se representam pela moringa d'água. Santo Isidoro ou Omolu moço (São Lázaro) contenta-se com o boi. São Bartolomeu no culto 'caboclo' tem o sol. Sant'Ana, ou mestra da Virgem, Nanã, tem por símbolo a palmatória. Nossa Senhora da Conceição ou Oxum fica com as uvas. A ferradura é o signo da felicidade; o coração, da paixão, se tem chamas, paixão ardente; as mãos dadas, da amizade; a romã é a humanidade" (LODY, 2001. Apud: PEIXOTO & TEIXEIRA, 2013, p.54).

Portanto, o balangandã possuía um forte caráter religioso por ser um meio pelo qual as escravizadas declaravam sua religião oficial, mesmo que só aparentemente. Essa peça foi primeiramente visualizada com as negras do "ganho" em praças públicas em Salvador no século XIX. Seu uso se deu, principalmente, entre as mulheres vendedoras - que as ostentavam como protetores do lucro - e também com as crioulas em dias festivos.

Outro importante exemplo de joia de cunho africano e, ainda assim, com elementos europeus presentes, é a pulseira de copo. Uma joia em forma cilíndrica inspirada no bracelete Cabila, região norte da África, usadas em pares nos dois braços ao longo da vida da mulher africana. Atualmente se assemelha à pulseira da "Mulher Maravilha", usada em seus dois braços. A pulseira de copo podia trazer um elemento central, como uma efígie[4] ou mesmo a imagem de um nobre, muitas vezes, sob a forma de camafeu[5], uma versão mais sofisticada do que as usadas nos cultos afro-brasileiros.

---

[4] Efígie é segundo o dicionário Michaelis uma representação plástica da imagem de alguém, geralmente em relevo; figura, imagem, retrato; Busto ou cabeça cunhados em vulto ou relevo sobre medalha ou moeda. (https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ef%C3%ADgie/ acessado em 25 de dezembro de 2018).

As joias brasileiras tinham verdadeiras contribuições barrocas, neoclássicas e rococó, classificando–se como joias literalmente brasileiras, não havendo criações de modelos de padrões puramente europeus ou africanos, mas sim uma mescla de características, trazendo para as joias do período oitocentista versões totalmente originais devido à soma desses estilos.

Figura 7: Pulseira de copo

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.75.

Uma também importante joia do período em questão que merece destaque é a pulseira de esteira. Composta por chapas retangulares com partes cilíndricas conectadas entre si, por elos, ou cilindros de metal, com pedras coloridas ou com os famosos corais, o que mostra o estilo neoclássico francês com a valorização do culto à personalidade, onde era esculpida a efígie dos membros do império, índios, revelando, a partir dessas joias, verdades cotidianas e não mais idealizações europeias de figuras nobres como mostram as figuras abaixo.

[5] Camafeu é uma pedra dura formada por duas camadas de cores diferentes, numa das quais se grava uma figura em relevo. (https://www.dicio.com.br/camafeu/ acessado em 24 de agosto de 2018).

Figura 8: Pulseira de esteira Pulseira de esteira com efígie de Dom Pedro II menino

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.77

Figura 9: pulseira de esteira e pulseira de copo. Destaque para pulseira de copo representando uma figura não nobre europeia. Essa representação das vestimentas especiais remete ao estilo de vida do período em questão

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.72

Além disso, o uso de determinados materiais, como o coral vermelho e o coral azul, tinha funções e significados baseados nos cultos afro-brasileiros, deixando nítida a mistura de vertentes europeias com as africanas.

O que, na verdade, pode-se evidenciar é a exportação da cultura europeia traduzida com uma linguagem nova e diferente. Um outro exemplo bastante relevante é o uso das figas, isoladas ou nos balangandãs, muitas vezes interpretada como um elemento africano e de apologia aos orixás, mas que estava presente até mesmo nas representações italianas da virgem segurando o menino Jesus nas pinturas renascentistas italianas. Por isso, o sincretismo da cultura europeia com a cultura africana e a brasileira podem ser evidenciados mais uma vez. Uma verdadeira a mestiçagem cultural.

Figura 10: pingentes de figa. Pingentes de figa confeccionados em diferentes materiais como o ouro, coral, ébano e rubi. Cada qual tinha um significado e de acordo com a crença trazia ao usuário fertilidade e proteção

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.130.

4. MUDANÇAS NO SÉCULO XIX

Com a chegada de Dom João VI e da família real ao Brasil em 1808 e, com ele, das tradições europeias, o uso das joias cresceu, de forma inusitada, entre a elite e a classe média emergente, sobressaindo, além do estilo firmado em bases indígenas, europeias e africanas, outras matrizes tais como a egípcia e a indiana Um grande exemplo disso são os patuás e os balangandãs compostos de dentes, pedras e figuras místicas como figas, imagens sacras pendurados em argolas.

No contexto do século XIX, o Rio de Janeiro cresceu em importância política e econômica no cenário da América portuguesa e isso se refletiu na proliferação das joias. A partir de 1808, tornou-se mais recorrente o fato de escravos ganharem joias por bom comportamento ou por bons serviços prestados, notadamente os escravos domésticos, sendo muitos desses presentes utilizados para a aquisição da própria alforria. O centro comercial dessas joias no Rio de Janeiro ficava localizado na rua dos Ourives, atualmente chamada de rua Miguel Couto, e também na rua do Ouvidor, então considerada o centro não só da cidade, mas também da moda europeia dentro da capital carioca.

As joias usadas nos Oitocentos tinham, na maioria das vezes, simbologias e requintes que misturavam referências de elementos culturais africanos, egípcios, indianos, portugueses e brasileiros: uma verdadeira junção do oriental com o ocidental. Para isso, eram utilizadas sementes, iconografias e símbolos que iam das figas, sementes, dentes, até imagens sacras católicas misturadas com orixás que juntas formavam uma característica única. Acreditava-se que a mistura desses elementos trazia sorte e prosperidade, visto que os mais variados elementos de diferentes culturas estavam ali harmonizados cada qual com uma função, como sorte, proteção, prosperidade, saúde espiritual e outros benefícios.

Na categoria das escravas, as amas de leite eram das que mais se enfeitavam, pois cuidavam das crianças brancas e, portanto, precisavam protegê-las do mau olhado e, para isso, faziam o uso de diversos amuletos de sorte.

Tamanha era a crença nos amuletos da sorte que, no livro Joias de Crioula, os autores contam a história, retirada do livro Mulheres e Costumes do Brasil de Charles Expilly, de uma escrava chamada Manuela que se apaixonara pelo estrangeiro Fruchôt. A história de amor se desdobra no interesse da escrava pelo estrangeiro e que para tentar enfeitiçá-lo a negra coloca em seu colar, figas e medalhas de santos ficando a espera de seu amado. Quando o viu, "inclinou para o chão a extremidade das figas de madeira e as pontas de cornalina" (CUNHA; MILZ, 2011), fazendo com que o estrangeiro Fruxôt aceitasse o seu convite amoroso e ainda organizasse um baile para arrecadar dinheiro para comprar a liberdade da agora amada, Manuela.

Essa história oferece uma rica descrição de como eram usadas as joias e os amuletos, aos quais se atribuía poderes mágicos, fosse para atrair uma paixão ou isolar o mau olhado.

Paiva (Paiva, apud FACTUM, 2009) relata que:

> […] No Brasil atual, ainda se acredita que os amuletos estão associados a cultos afro-brasileiros, o que nem sempre é verdadeiro. Um caso clássico é o da figa. Vinculada a um passado escravista e, por isso, a uma origem africana, é um amuleto antiquíssimo, provavelmente da Europa mediterrânica e que não teve só a função que hoje se conhece, de trazer sorte e proteger o usuário: há uma semelhança com as genitálias masculina e feminina sugere uma referência à sexualidade e à fertilidade. E, mesmo vindo do mediterrâneo, foi perfeitamente incorporada aos amuletos afro-brasileiros, evidenciando, assim, uma mistura de culturas [...] (PAIVA. Apud: FACTUM, 2009, p.170).

Já Cunha e Milz (2011) ressaltam que:

> […] Não sabemos quantas escravas conseguiram juntar suficiente ouro para comprar a liberdade, mas sabemos que acumular bens era mais fácil para elas do que para os homens, em especial os que se dedicavam ao trabalho agrícola. Também sabemos que, em cada conta de ouro, cada arabesco de filigrana, cada berloque, estava fundida a luta, o esforço e a dedicação dessas mulheres que deviam caminhar orgulhosas e barrocamente adornadas com seus ouros, pratas, corais e o que mais pudessem trazer como signos de suas conquistas [...] (CUNHA; MILZ, 2011, p.168).

Figura 11: Penca de balangandãs confeccionadas em prata. Adorno confeccionado em prata, raramente de ouro

Fonte: CUNHA; MILZ. 2011, p.168.

5. CONCLUSÃO

Por mais que os designers queiram retratar e fazer uma releitura das joias usadas pelos afrodescendentes no período colonial e reinterpretarem essas peças para o esclarecimento da dúvida fomentada sobre essas joias se constituírem no campo do design ou não quando confeccionadas, fica claro que esse uso da palavra design é posterior à produção de tais objetos.

Por mais que essas joias fossem um símbolo de grande importância da época, a mulher negra ainda era vista como um objeto e aquelas joias, então, eram um mero detalhe. Afinal era essa a cultura da época. Portanto, o uso dessas joias não tinha apenas um olhar de vaidade como também um viés social de resistência cultural e valorização de seus elementos religiosos, artesanais e culturais.

Essas joias usadas pelas negras eram comprovadamente diferentes das joias usadas pelas mulheres brancas ou sinhás. As joias das negras eram, sobretudo, grandes, ocas, bem adornadas e usadas em excesso, diferente nas dimensões e na qualidade dos metais. Além de conterem representações africanas, possibilitando uma representação de joias arbitrariamente singulares de peças de joalheria.

No período colonial, a posse de joias foi, sem dúvidas, uma forma de definir diferenças sociais e de acumular capital, principalmente entre africanos e seus descendentes que, através delas, tinham a possibilidade de comprar a própria liberdade.

Por fim, Ana Beatriz Simon Factum (2009) faz uma importante menção ao metal ouro cujo número atômico é 79, reafirmando a sua preciosidade e a característica inigualável do metal como a cor dourada e o brilho comparado ao nascer do sol, um metal que não oxida e que não se modifica mesmo com o passar dos anos, considerado pelos africanos, muitas vezes, como um metal maléfico, mas que foi capaz de fazer todo o resto do planeta se render aos seus encantos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carla M. Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Conquista do centro-sul: fundação da Colônia de Sacramento e achamento das Minas. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. (Org). **O Brasil colonial.** 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, v. 2, p. 267-334.

CUNHA, Laura; MILZ, Thomas; CUNHA. **Joias de crioula. Jewelrey of the Brazilian Crioula**. Editora Terceiro Nome, 2011.

FACTUM, Ana Beatriz Simon. **Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de joias brasileiro.** Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, A. G. Sob os signos do poder: a cultura objetificada das joias de crioulas afro-brasileiras**. Tempo de História (digital)** , v. 1, p. 12-31, 2013.

PAIVA, Eduardo França. Depois do cativeiro: A vida dos libertos nas Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Org.). **As Minas Setecentistas**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 1, p. 505-521.

PAIVA, Eduardo França. Celebrando a alforria: amuletos e práticas culturais entre as mulheres negras e mestiças do Brasil. In: JANCSÓ, István, KANTOR, Iris (Org.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**, v. 2. São Paulo: FAPESP. 2001.

SANTOS, I. A. **Adornos pessoais: uma reflexão sobre as relações sociais, processo de design, produção e formação acadêmica**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

WHITEMAN, Vivian. **Escravas foram pioneiras da joalheria local.** 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2910201115.htm>. Acesso em: 25 nov. 2018.